



AKWIZAC
CASINHA
BLANCA KNAAK

AMIZAS CASINHA

exposição de **BLANCA KNAAK**

Adriane Hernandez
curadoria

Porto Alegre
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K67c

Knaak, Bianca. Casinha / Bianca Knaak ;
Adriane Hernandez, curadoria ; Nilton Santolin, fotógrafo ;
Sandro Ka, projeto gráfico. – Porto Alegre : UFRGS/IA, 2024.
44 f. : il. fots., color.

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 9786559733439

1. Arte contemporânea. 2. Catálogo de exposição.
3. Apropriação. 4. Objeto. I. Knaak, Bianca.
II. Hernandez, Adriane. III. Santolin, Nilton. IV. Ka, Sandro.

CDU 7.039

Biblioteca do Instituto de Artes (UFRGS)

AKIŞAÇ
CASINHA





A finitude dos pequenos mundos

*Na parte inferior do degrau, à direita,
vi uma pequena esfera furta-cor,
de quase intolerável fulgor.*

Jorge Luís Borges

Poucos lugares produzem tantas metáforas quanto uma casa. São incontáveis idealizações para cada *ser* imaginante que habita estas paragens no cosmos. Aliás, nem a noção de universo faz proliferar a imaginação em torno de si quanto a ideia de casa. Isso porque ela acolhe o conhecido, mas também o desconhecido. Sempre achei curioso o fato do aleph - essa espécie de portal em forma de esfera, descrita no irônico conto de Borges - encontrar-se no porão de uma casa antiga, tendo seu acesso pela sala de jantar, como aparece nas palavras do personagem Carlos Argentino: "A escada do porão é empinada, meus tios me haviam proibido de descer, mas alguém me disse que havia um mundo no porão." Na imaginação borgeana é em um recôndito espaço dentro de uma casa, que um tipo de "visão total" foi possibilitada. Não nos demoremos nessa comparação, pensando que tamanha luz também pode ofuscar e não apenas os olhos, como a narrativa ficcional nos dá a entender. Assim, em nossos ambientes particulares, usamos cortinas para criar luzes difusas em uma atmosfera inebriante e acolhedora. Penso que é nessa atmosfera que a artista e pesquisadora Bianca Knaak nos recebe em sua *Casinha*. Emulada dentro de uma *Pequena Galeria*, apoia-se na lógica-poética de que a acolhida é inversamente proporcional ao tamanho do espaço. Na *pequena casa-galeria* encontram-se fixados às paredes diminutos quadros. Assemelhando-se a diários abertos, presentificam arranjos de um cotidiano que gestou de modo sensível a retomada de uma vida pós-pandemia, pois foi lá que se iniciou uma

articulação psíquica envolvendo o corpo inteiro na árdua tarefa de sobreviver a tempos difíceis. Neste sentido, na aflição dos dias do “fique em casa”, grande parte da sociedade recorreu a fazeres manuais e à criatividade, reafirmando outra importante máxima de que a *arte é para todos*. Até mesmo para Bianca Knaak, pouco importa o status que quisermos atribuir a essa produção, ela já cumpriu uma importante função. Mas desdobramentos são sempre possíveis e desejáveis para quem viu brotar significações de latências; e nós, que vivos restamos, podemos nesse momento espelhar nossa alma no voo de um pássaro de louça, enquanto no ir e vir de uma bolinha de gude, ou de ondas do mar, tecemos em ponto-cruz uma imagem desbotada de nosso futuro.

Adriane Hernandez
Curadora da exposição "Casinha"



BEM VIDA
cena/ montagem
dimensões variáveis
2023





CÉU

Caixa/composição: madeira, talagarça,
vidro, cortiça, orquídeas desidratadas,
bronze sobre MDF
31 x 16 x 5cm
2021



FOI

Composição: pintura e têxteis colados sobre tela 73,5 x 60 x 1,5 cm,
mais duas andorinhas de cerâmica 16 x 16 x 1 cm cada, aproximadamente. 1995 – 2023.



PRIMEIROS POEMAS

Composição em gaveta: livro, conchas, cerâmica e vidro.
34 x 29 x 8 cm, 2023.



VERDE

Caixa/composição: madeira, tela, porcelana, cetim, lixa e cartão, sobre Eucatex.
31 x 26 x 5cm. 2020.



AR

Caixa/composição: bronze, fotografia, talagarcha, linha, sobre MDF,
16 x 31 x 5cm. 2021.



CHAVE

Caixa/composição: madeira, bronze, espelho, tecido, sobre MDF,
37 x 22 x 5cm. 2022.



TUDO

Composição em gaveta: fotografia, tela, bronze, cerâmica, vidro, madeira, plástico sobre MDF.
31 x 20 x 6cm. 2023



IR

Caixa/composição: madeira, espelho, ferro, vidro, concha, bronze, cartão sobre
MDF, 31 x 26 x 5cm. 2019 – 2022.



GIRASSOL

Caixa/composição: madeira, espelho, vidro, violetas desidratadas, talagarça sobre MDF, 16 x 31 x 5cm. 2021 – 2022.



DÁ

Caixa/composição: madeira, bronze, vidro, plástico, borracha, sobre MDF,
29 x 21 x 5cm. 2022 – 2023.



FOZ

Composição em gaveta: bronze, madeira,
miçanga, argila, espelho, vidro, papel algodão.
31 x 10 x 7 cm. 2023.



SER

Caixa/composição: madeira, fotografia, vidro, bronze, borracha, sobre MDF.
26 x 31 x 5cm. 2023.



RESTAR

Composição em gaveta: Papel algodão, espelho, bronze, tela, talagarça, porcelana, antúrio desidratado.
40 x 35 x 8cm. 2019.



LAR

Composição em gaveta: cartão, espelho, porcelana, eucatex, latão, bronze, plástico.
23 x 22 x 9 cm. 2021.



MÃE

Composição em gaveta: espelho, porcelana, tela, bronze.
15 x 22 x 9 cm. 2021.

Acomodações

Por algum tempo – tempo que não para e não volta, mesmo quando a história se repete – alternei sonhos, esperança e utopias como matizes de um mesmo novelo que se enlaça e desfia na urdidura do tempo, no agir da vida. Cotidianamente. Um novelo controlado por mim. Mas veio o covid-19 e a pandemia emaranhou tudo. Colocou espelhos cortantes diante da efemeridade cardada nesse fio contínuo que é o tempo. Multiplicou fragilidades, precariedades, significâncias. Perspectivou nossa ignorância do outro, nossa subjetividade, nossa condição humana. A morte rondava tudo e todos, veloz e visivelmente. Ficar em casa era preciso, era racional, e era tudo que eu poderia fazer, imediatamente, para tentar evitar a implacável proliferação do vírus e o padecimento de suas vítimas. Fiquei em casa. Imediatamente. Interrompi minhas atividades presenciais externas e passei a fazer tudo pela internet. Aulas, visitas, compras e consultas médicas, tudo virtualmente. Reconfigurei minha sala de estar para abrigar uma bancada de trabalho, improvisada, e voltei a produzir minhas assemblagens com os objetos que já dispunha, dispersos em estantes, armários e gavetas. Adormecidos. Aguardando um suspiro para a emergência poética possível. Sem a urgência das ruas e entregue ao pulsar das horas, rapidamente retomei os processos criativos iniciados nos anos ´90 com as primeiras caixas, *Cenas e Sínteses*, estopim para a série *Ludus Primus*, quando abandonei a pintura e passei a justapor coisas em composições fabulares. Se me perguntarem, direi que sobrevivi em quarentena com um fio de Ariadne.

*

Passada a necessidade de distanciamento social, centenas de milhares de mortes depois, a exposição CASINHA tomou forma. Possível após a 4^a dose da vacina contra o covid-19, toda a sua produção teve um adendo pessoal terapêutico, mesmo. Sintoma de um pulsar que me organizou e me ajudou a confiar numa retomada de “normalidade”. Fruto lúdico do confinamento, uma pausa na rotina dos afazeres, o momento que me permitiu reelaborar tudo, ou quase. Uma espécie de tempo recuperado, pensado com as mãos, num tatear entre meus guardados, meus medos, minhas dores, meus cacos e pedaços e a vontade de fluir e expandir essa rede de remetimentos em ideias palpáveis e encontros presenciais.

CASINHA, título da exposição que agora se completa com esse pequeno catálogo buscou, em escrita dupla e refletida, o olhar que destrava janelas e vitrines enquanto destranca, também, uma artista em retro visão, montando e mostrando paisagens íntimas, cenas de dentro, com as coisas domesticadas no lugar de fora, que é também lugar de falas. Uma exposição singela de profícuas conexões: em cada trabalho estão explícitas as referências do meio, do entorno, da paisagem em que se integra (ou desintegra) o olhar analógico da artista.

CASINHA remete, desde o início, à menina que segue brincando com o que sempre teve à mão, experimentando o mundo com a ingênua firmeza do seu próprio mundinho de gambiarras. Oniricamente segura entre as lembranças da casa inaugural, esse corpo de imagens que nos dão razões ou ilusões de estabilidade, como diz Bachelard. Casinha também é meu jeito carinhoso de dizer lar doce lar – pela primeira vez fechado às visitas – e é a melhor tradução

que tenho para a experiência de resistir em miniaturas, nas condições de espaço e tempo cada vez mais exíguos e multifuncionais do mundo pós-moderno agora exacerbado pela pandemia.

Na Pequena Galeria, uma saleta no alto de uma casa antiga, verdadeira caixinha envidraçada, voltada a uma paisagem urbana comum e pouco visível no passeio público, encontrei o lugar certo para minhas caixas, gavetas... Entre setembro e outubro, a convite da artista e curadora Adriane Hernandez, apresentei lá a CASINHA, performando um corpo de imagens tramadas nas sombras vivas do tempo, no breu da morada primal, pulsão de vida em meio a dor cruel e coletiva da pandemia. Um fio de recuperação propositiva estendido verticalmente. A exposição, ensaio poético, espacial e simbólico, foi também inaugural para um pós-pandemia íntimo. Era a primavera de 2023.

Materializados entre 2020 e 2023, esses trabalhos provocados pelo confinamento profilático em muito me orientaram frente às demandas e papéis que a vida ordinária impõe sem jamais me definir completamente: a filha, a mãe, a professora, a amiga, a amante, a mulher assalariada com consciência de classe, gênero, cor e privilégios, a artista impulsiva e pensante, combativa e assustada nesse lugar inseguro, instável, real e injusto, violento e caótico chamado tempo presente. Pandêmico. Mas a invenção poética é inclusiva: faz do apreciador o criador que, conferindo sentido à produção artística, garante a sua dimensão simbólica e relacional. Por isso a exposição.

*

Os elementos constitutivos dos trabalhos apresentados, advém de diferentes situações de coleta. Foram descartados, recolhidos do chão, adquiridos em feiras de usados, bazares de igreja, brechós e às vezes até do lixo ou foram colecionados ao acaso, por razões diversas – e sem razão aparente – ou ainda, foram doados por amigas e amigos próximos, empenhados nesses “achamentos”, reforçando a condição afetiva e coletiva de significação da obra em determinados contextos de legitimação¹.

Potencialmente, esse acervo de anos, verdadeira coleção de minúcias e inúteis, prefigura os trabalhos. Suas formações já estão ali, dispersadas em fragmentos que se “procuram” entre si. O colecionamento dessas partes é contínuo justamente para permitir o vir a ser de cada composição. Ou seja, o ato de recolher e guardar não se dá em função de um trabalho claramente pré-definido, mas sim de uma proposta em permanente devir. A coleta é constante e natural. Um processo tácito de repositório e disposição, sem a preocupação seletiva de adequação a um ou outro trabalho em andamento. Mesmo assim, pontualmente, a busca dirigida também pode acontecer pois, as peças, uma vez concluídas, são intercambiáveis em montagens expositivas, compostas entre si ou mesmo individualmente e sempre podem ser reabertas. Por isso todos os objetos resgatados são guardados por tempo indeterminado, à espera de sua inserção em alguma composição. Nunca há uma ideia *a priori*, portanto não há urgência. Existem os materiais do atelier e a predisposição de configurar “coisas” com eles. Maturada sem prazos, a ideia deriva do próprio arranjo destes materiais e vice-versa. É um exercício intenso e demorado que permite associar e eliminar elementos numa espécie de jogo de construção simbólica infinita. É preciso cumplicidade para a leitura das obras.

¹Os objetos são doados sob a expectativa de que passem a integrar um trabalho artístico, revestindo assim esse objeto de uma aura distintiva, subliminarmente extensiva ao doador.

*

Os textos aqui reunidos convidam à aproximação cognitivo-afetiva dos procedimentos operatórios envolvidos na produção. Pascal afirmava que basta a ordem para que se caracterize a invenção. Não sei se sua conclusão serviria para explicar minhas acomodações compositivas. Me deixo levar por ordens veladas. Invento montando e desmontando, combinando e isolando, misturando e separando. Uma coisa chama outra, em silêncio, *horror vacui*. E, selecionando os objetos, vou relacionando-os numa ciranda de possibilidades libertas.

Na produção das minhas montagens, encaixes de resistência e negação, brilha a bricolagem como processo instaurador fundante. Uma vez que as partes constitutivas da obra são objetos deslocados ou que já foram descartados de sua função original – aumentando sua disponibilidade – até a formação final, as transformações impostas em cada arranjo compositivo podem incluir interferências com pintura, colagem, revestimentos, recorte e outros procedimentos especialmente ligados ao circuito epistemológico da criação. E, se os critérios seletivos dos objetos coletados e armazenados podem não estar claros – de antemão – as características desses objetos são visivelmente reincidentes. São artigos de segunda mão, derivados de uma produção mais industrial que artesanal, objetos de pouco preço, pequenas dimensões ou miniaturizados; possuem caráter ubíquo, permeando o universo e o imaginário popular e invocando afeições nas relações, que a partir destes se estabelecem, entre as obras e entre obras e autora/observadores. Além disso, intuitivamente, a justaposição de objetos e palavras ao mesmo tempo que constrói significados abertos, altera-os entre si, pela substituição sistemática

dos objetos até a instauração de sua definição formativa. Mas a dimensão simbólica, em sua sutileza e transcendência, não precisa se vincular, rígida e estreitamente, aos aspectos formais das obras... talvez só mesmo a psicanálise poderia justificar essas coincidências operatórias para a formalização das peças em caixas, gavetas, ambientes e cenas abertas como vitrines. No entanto, considerando a arte como produção simbólica fetichizada numa sociedade que movimenta o circuito massivo, emocional e onírico das mercadorias, me parece relevante e programático que os elementos empregados possuam as características acima. Principalmente porque, em conjunto, as obras trazem referências populares e de massa que acenam à exaustão das diferenciações entre alta cultura, cultura de massa e cultura popular na arte contemporânea descolonizada.

Diminutivo de casa, CASINHA, evoca um lugar quase idílico e anacrônico na vida adulta e é por isso que gosto de pensar a exposição em seus meandros temporais e espaciais sob a tríade tradição continuada, resistência e assimilação ao novo. Esse novo que se introduz diariamente em nossa casa pelos aparatos tecnológicos que a sociedade dispõe e nos impõe. Feito o microondas e as redes sociais que, se na pandemia me salvaram dos encontros sob o risco de contágio iminente, também me aproximam da melancolia dos distanciamentos da infância.

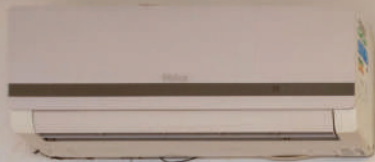
Eu me permito dizer agora que, por estar confinada dentro da minha casa, minha casinha, pude revisitar espaços de solidão e penumbra em busca das acomodações vicárias, próprias do devaneio, do sonho e da arte. Talvez por isso eu veja em meus processos de trabalho certa possibilidade emocional e mnemônica de sobrevida, de contorno e fuga às finitudes através da utilização

inventiva de restos, sobras, sucatas, pedaços daquilo que um dia foi novo e utilizado num tempo passado, mas não perdido. Paralelo talvez... (olha a psicanálise aí de novo!).

Por fim, para você que me lê, reuni aqui observações provisórias sobre o meu fazer artístico enredadas em alguns embates da arte contemporânea e suas promessas. Mas, antes de mais nada, para participar dos diálogos de aproximação entre todas, todos e todes que, assim como eu, a Adriane e a Vera, se buscam e encontram na arte, artífices e sobreviventes na construção coletiva de realidades, imagens e mundos, dentro e fora da casinha.

Bianca Knaak, fevereiro de 2024









COR LÃ
manta e almofadas
de crochê,
dimensões variadas. 2023.

Capturando a Integração

Necessitamos do outro para nos constituir como sujeitos.

O bebê é absolutamente dependente, e vai se estruturando com o empréstimo que a mãe (ou o cuidador) faz de seu aparelho mental.

Quando na sua ausência, o bebê escolhe algo que a represente, um objeto que contenha algo que possa remeter ao cuidador; que alivie, mesmo que de maneira enganosa, a dor da ausência, a dor pela falta, isso é chamado de Objeto Transicional.

Esse objeto é, portanto, o representante daquela figura que cuida, da figura que representa e que acalma.

Com o passar do tempo, esses objetos passam a ter outro significado, já não mais exercem a função inicial. Há, porém, quem siga o vínculo com eles que chamamos então de “objetos tutores”, e são aqueles que seguem fazendo parte da vida de todos. A caixinha de segredos, o quadro na parede, a boneca da estante, os botões, os porta-retratos, peças do vestuário, enfim...cada pessoa tem na vida os seus tutores!

Só um artista consegue transformar os “tutores” em algo muito maior! Tornar objetos que para alguns seriam descartáveis, para outros passariam despercebidos ou até mesmo invisíveis, em algo que nos encanta e pulsa na energia da composição, há que ter muita sensibilidade, muita percepção e muito carinho por essas peças.

Bianca é assim. Ela não apenas olha, ela enxerga e vislumbra o que nunca sabe, mas sabe que poderá vir a ser.

Desde sempre Bianca vê e quando encontra, imediatamente estabelece uma relação com aquilo que enxerga. Aquilo que foi tutor para alguém, vem para ela e passa a ser a escolha do que poderá ser. Durante a pandemia, recolhida entre suas escolhas, as imagens vieram vindo e ela foi integrando, se integrando e criando. As obras que se locupletam de tutores, são lindas, fazem rir ou chorar, trazem recordações e memórias, emocionam pela simplicidade e também pela verdade daquilo que representa. As casinhas são nossas casinhas, os detalhes marcam as alegrias, mas também assinalam perdas. Perdas do vivido, do passado e talvez até do que está por vir.

A criatividade de uma artista é capaz disso e muito mais. Ela revela a subjetividade e quiçá seu próprio inconsciente. Os pedacinhos de papel, de tecido, de renda não perdem suas características, ao contrário, gritam e brincam entre si, como se faz em tudo que tem vida e que permanece.

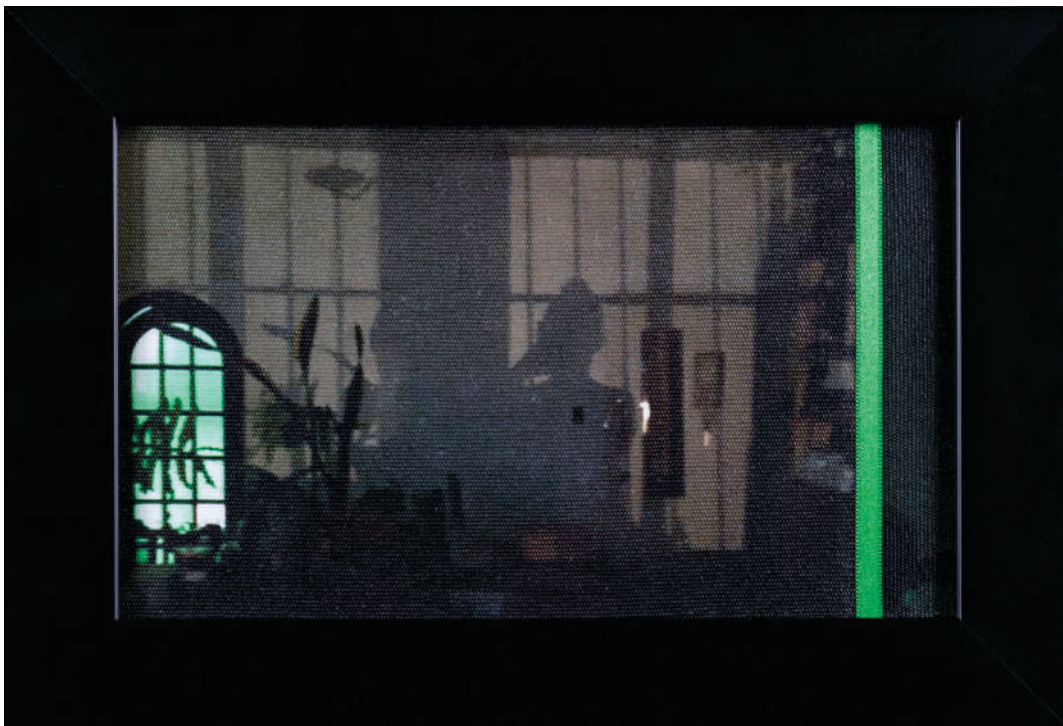
Freud dizia que o artista revela através da arte aquilo que custamos muito tempo para entender! A fala, a palavra só vem depois que já foi manifestado o sentimento pela obra.

Nos constituímos então, pela imagem, pela linguagem, pelos sons, pelos gestos, pelos cheiros, pelos afagos, pelo olhar, pelos gostos, pela memória, pelas dores, e tudo isso está contido nas “casinhas”, que envelopam nossa subjetividade e nos tornam quem somos.

Penso que essa seja a proposta de Bianca. Nos fazer ver e enxergar.

Vera Elisabeth Hartmann
Psicanalista





BREU

impressão fotográfica fineart sobre tela de algodão com colagem de cetim.

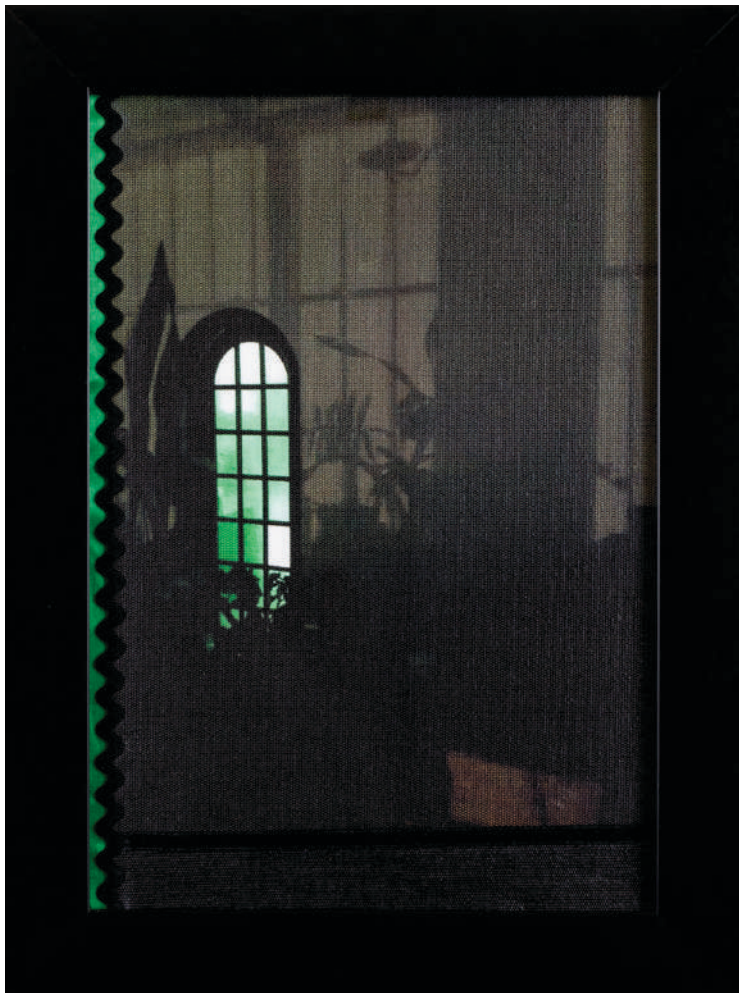
18 x 28cm. 2019 - 2023



BREU

impressão fotográfica fineart
sobre tela de algodão com colagem
de trancelim.

28 x18 cm. 2019 – 2023.



BREU (porta verde)
impressão fotográfica fineart sobre
tela de algodão com colagem de
cetim e trancelim.
37 x 27 cm. 2019 – 2023.



BREU (duas portas)
impressão fotográfica fineart sobre tela de algodão com colagem de trancelim.
28 x 18 cm. 2019 – 2023.

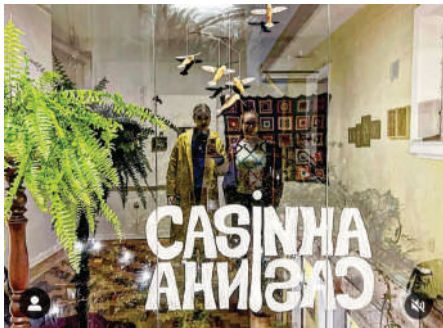
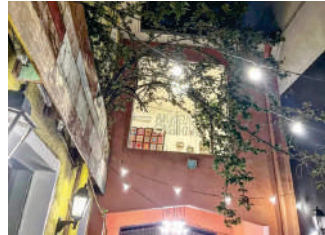
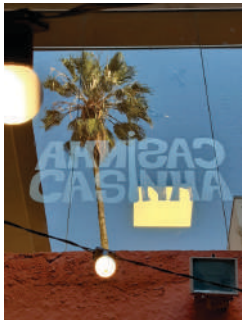


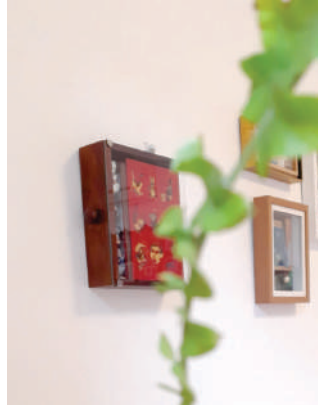
PROJEÇÃO PAISAGEM
impressão fotográfica fineart sobre canvas.
28 x 23 x 3cm (cada). 2019 – 2023.



CASINHA

Bola de gude sobre impressão fotográfica fineart sobre canvas.
29 x 29 x 4 cm. 2019 – 2023.





Ficha Técnica

artista

Bianca Knaak

curadoria

Adriane Hernandez

montagem

Bianca Knaak, Adriane Hernandez
e Marco Aurélio Biermann Pinto

monitoria

Céu Isato, Leôna Martins, Letícia Werle

fotos

Nilton Santolin

fotos da montagem e visitação

Marco Aurélio Biermann Pinto e acervos particulares

design gráfico | convite e marca páginas

Bluma Soria

design gráfico | catálogo

Sandro Ka

Referências:

KNAAK, Bianca. Quantos Sonhos Cabem numa Capelinha de Melão? Reflexões sobre um fazer artístico.
Revista Panorama Crítico n° #1, Junho/Julho 2009.

NUNES, Aline. HERNANDEZ, Adriane.
Exposição Casinha de Bianca Knaak -
Miradas de dentro e de fora.
Revista ArteConTexto Reflexão em arte.
V.8, N°19, Maio, Ano 2024.

bknaak@hotmail.com



Agradecimentos

Luísa Knaak Costa
Adriane Hernandez
Marco Aurélio Biermann Pinto
André Petry
Vera Hartmann
Aline Nunes
Cida Herok
Chico Machado
Talitha Motter
Renata Santini
Sandro Ka
Leila Danziger
Mário Furtado Fontanive
Via Trastevere
Anthea Café Bistrô

Agradeço também a todas as pessoas que puderam visitar a exposição, presencial ou virtualmente. Adorei as visitas e revisitações!





BIANCA KNAAK nasceu em Campo Bom/RS em 1968. É mãe de Luísa Knaak Costa e filha de Lourdes Trott e Horácio Knaak. Na década de 80 cursou magistério em Sapiranga/RS e especializou-se em educação pré-escolar em Porto Alegre (OMEP). É época em que lecionava, escrevia muitos poemas, pintava, cantava e fazia teatro. Em Novo Hamburgo/RS licenciou-se em Educação Artística - Artes Plásticas pela FEEVALE (1994) e participou do movimento estudantil. Na UFRGS, obteve os títulos de Doutora em História (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008) com tese sobre as Bienais do Mercosul e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte (Instituto de Artes, 1997) com dissertação sobre as referências populares e de massa na arte brasileira contemporânea. Inquieta, viveu e trabalhou também em São Paulo/SP, Santa Maria/RS, Goiânia/GO e Porto Alegre/RS onde, desde 2008 é professora no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Crítica, curadora, gestora cultural, foi curadora e coordenadora dos Espaços Culturais Yázigi no Vale do Sinos/RS e Vale do Paraíba/SP e, entre 1999 e 2002, dirigiu o Museu de Arte Contemporânea (MACRS) e o Instituto Estadual de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (IEAVi). Integrante do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), estuda e publica principalmente sobre as relações sistêmicas da arte brasileira contemporânea através de curadorias, grandes exposições, projetos museográficos e de institucionalização da arte e, além disso, investiga as manifestações simbólicas de sentido, suas condições de produção e recepção, bem como de interpretação das visualidades ecléticas e disciplinarmente limítrofes. Tateando lugares de confluência e construção sensível, seu trabalho plástico percorre toda essa cartografia.

CASINHA
AMIGAS





apoio



realização

